

Revisitando Jerusa: um olhar amoroso

Edilene Matos

De mãos postas, faço uma oração a Mnemosyne, musa da memória, para que ela me ilumine e me faça selecionar, entre as lembranças, imagens representativas da trajetória de Jerusa Pires Ferreira, essa baiana de Feira de Santana, cidade denominada A Princesa do Sertão, única filha mulher¹ do quixotesco sertanejo Celso Carvalho e de Cesarina Castro Lima Carvalho, senhora de tradicional família baiana.

Início da década de 1970. O cenário era o velho prédio do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, estilo *art nouveau*, em cujo interior se destacava uma sinuosa escada de madeira, adornada por imponente corrimão que sabia de todos os segredos dos ora apressados, ora preguiçosos passos de alunos e professores. Nós, estudantes de idade entre 17 e 20 anos, vivíamos um clima de efervescência político-cultural depois do AI 5 de 68. Pregávamos Paz e Amor. E não sabíamos que sabíamos a hora.

Líamos Gilberto Freyre, avidamente. E Raízes do Brasil. Machado abria-nos seus braços com O Instinto de Nacionalidade. E nos interessávamos pela América Latina: Borges, Sábato, Vicente Huidobro, Lezama Lima, Juan Rulfo, Cortazar, Garcia Márquez, Puig...

Caetano Veloso, guru dessa geração, acabava de gravar "Navegar é preciso, viver não é preciso". De blusa verde-erva doce, mangas curtas, raglãs e arregaçadas, com ampla saia de variada estamparia de cores puxadas para semi-tons solares, e cabelos cortados de modo a permitir certos movimentos líricos, uma jovem professora de literatura

¹ O outro filho do casal é o médico oftalmologista Guilherme de Carvalho.

portuguesa me despertou atenção: cantarolava subindo as solenes escadas. Tinha uma voz afinada: “navegar é preciso, viver não é preciso”, e, assim, cantarolando, entrou na sala 12 do 1º andar. Meu nome é Jerusa, Jerusa Pires Ferreira e eu vou dar aulas de Literatura Portuguesa.

Não, nenhum professor daquele Instituto de Letras tinha aquela postura solta, descontraída.

Anos mais tarde, reencontrei-a, de forma ainda mais descontraída. O cenário era a Praia de Jauá, onde eu veraneava e tentava me desembaraçar do excesso de energia. Lá apareceu Jerusa trajando um “duas peças” azul e um enorme chapéu panamá. Sambadeira, a professora/pesquisadora acompanhava um grupo de tocadores de pandeiro e ensaiava passos de dança na areia quente e alvíssima, sob olhares de espanto dos burgueses veranistas. Sábia, “dona de seu nariz”, percebia que o intelectual não pode e não deve se restringir aos frios gabinetes. Sua vida se confundia com a pesquisa sobre o ser humano em suas potencialidades e diversidades.

Uma amizade aconteceu entre nós. Passei a acompanhar, agora com mais lucidez, sua trajetória intelectual. E li seu ensaio sobre Martim Cererê (lamento que este ensaio não tenha sido republicado) [*Notícia de Martim Cererê de Cassiano Ricardo*. São Paulo, Editora Quatro Artes, 1970]. Depois, o interessante trabalho sobre a novela do Palmeirim de Inglaterra. A partir de seus estudos sobre literatura medieval, se afirmou, cada vez mais, sua ligação com a literatura popular e, após um mestrado em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do nosso saudoso Calasans, deu-nos sua obra fundamental para se pensar a literatura de extração popular, *Cavalaria em Cordel – o passo das águas mortas*. Título belo, sugestivo, o desse livro, que é uma espécie de modelo para outros trabalhos sobre o tema, considerando-se a análise que a autora nele faz da literatura oral,

literatura de cordel, do próprio circuito do imaginário popular, ao refletir, com muita lucidez, sobre os aspectos de conservação de um repertório medieval no sertão brasileiro. Revisitando várias áreas do conhecimento, Jerusa Pires Ferreira estabelece articulações entre elas e, assim, circula da antropologia à história e à teoria do texto, permitindo um diálogo com a Semiótica. Tive a oportunidade de colaborar, através do Departamento de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia, com a compra de exemplares desse livro, fazendo-o distribuir pela rede de bibliotecas do Estado.

Intelectual inquieta, Jerusa se debruçou sobre a obra poética de um dos grandes poetas baianos do século XX: Godofredo Filho. Publica sobre esse autor, considerado O Bruxo, insuficientemente prestigiado pela crítica – que o desconhece –, alguns artigos, além de elegê-lo como tema de várias conferências que pronunciou no Brasil e na Galícia.

De malas-e-cuia, Jerusa partiu em busca do Eldorado. Na USP, sob a batuta de Rui Coelho² – brilhante intelectual e criador, entre outras coisas, da Sociedade Científica de Estudos da Arte (SCEA) – fez Doutorado, investigando aspectos fundamentais da cultura, a exemplo das matrizes impressas da oralidade.

Torna-se professora nessa mesma Universidade, na ECA – Escola de Comunicação e Artes. Também na USP, defende sua Livre-Docência e coordena importante coleção editorial, Editando o Editor.

Entre sua produção editorial, ressaltam-se as seguintes obras: *Conto russo em versão nordestina*; *Matrizes impressas da oralidade*; *Lotman, o pensador de Tartu*; *Os ofícios tradicionais*, etc, etc.

Vale a pena um destaque especial no tocante a sua atuação como divulgadora da obra do notável pensador Paul Zumthor. Assim,

² Rui Coelho pertenceu à geração da *Revista Clima*, periódico que agregou intelectuais do porte de Antonio Cândido, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado.

coordenou e coordena o que denomina “Projeto Tradutório PZ”, espaço que já agrega várias obras traduzidas.

Idealizadora e criadora do Centro de Estudos da Oralidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, Jerusa se mantém sempre vigilante e atenta quanto às pesquisas dos integrantes desse grupo.

O universo que a sensibilidade de Jerusa exige não é um mundo fantasioso ou irreal. Ao contrário de muitos intelectuais, ela não renuncia à existência. Seu sonho é aquele que se direciona para a ação. Preservada da torre de marfim, fomenta revolução no domínio das relações entre orientador/orientando e faz de sua casa um espaço poético, onde seus discípulos e amigos têm livre trânsito, quer para diálogos, quer para consultas à sua biblioteca, quer, simplesmente, para tomar chá com madeleines.

Estudiosa de novelas de cavalaria e de temas medievais, tem se dedicado às literaturas orais e às relações escrito/oral, convergindo, sobretudo, para o viés antropológico desse universo de estudo e pesquisa.

A curiosidade de Jerusa ultrapassa o elenco das informações e tendências dominantes. Assim, Jerusa, que morou em Lisboa, durante algum tempo, também se encantou pela cultura hindu e, viajadora, foi conhecer a Índia, onde manteve contato tanto com professores universitários quanto com a gente do povo. Entendendo com Guimarães Rosa que o sertão é o mundo, Jerusa põe em prática esse conceito, circulando com desenvoltura e naturalidade entre Moscou, Londres, Vancouver, Paris, Limoges, Laranjeiras, Sertão do Seridó, zona da mata pernambucana, Belém, Santarém, Manaus... São Paulo e Bahia.

São múltiplas Jerusas. Há a intelectual séria das conferências e cursos nacionais e internacionais. Há a Jerusa, orientadora-amiga, que dá força aos jovens pesquisadores iniciantes e outros tantos já iniciados;

há a filha atenta e sempre disponível de Cesarina; há a Jerusa, mãe protetora de Rubens, Ricardo e Inácio; há a Jerusa, avó favo-de-mel de Ricardinho, Natália, Thiago e Manoel; há a companheira plena de Boris Schnaiderman; há a Jerusa, irmã-cúmplice de Guilherme; há a Jerusa, sambadeira de samba-de-roda da Bahia; há a Jerusa, eterna discípula de José Calasans e Rui Coelho; há a Jerusa, amiga de xilógrafos e poetas populares; há a Jerusa, correspondente de Zumthor, guardiã amorosa e difusora de seu pensamento. Há a Jerusa, renascida sempre qual Fênix. Enfim, há a Jerusa que deixa marcas em sua obra, marcas que convergem para o núcleo da paixão. Paixão pela arte. Paixão pela vida.

Edilene Matos é professora e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.